

# POLÍTICAS DE MORTE: O CORPO DO SUJEITO TRANS NA PANDEMIA

## POLÍTICAS DE MUERTE: EL CUERPO DEL SUJETO TRANS EN LA PANDEMIA

Ismarina Mendonça de Moura **1**  
Nilton Milanez **2**

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo discutir e analisar a materialização de discursos em notícias veiculadas na mídia durante a pandemia do Covid-19 no Brasil, no período de março a junho de 2020, particularmente em notícias que tange aos efeitos da doença na vida dos sujeitos transexuais. O modo de se tratar o corpus se constitui no contorno dos estudos discursivos foucaultianos, fundamentalmente em três noções: a) as instâncias de delimitação; b) as grades de especificação e as c) as regularidades discursivas. Os sujeitos transexuais não são apenas marginalizados, violentados, calados e ignorados pela sociedade, são assassinados, não só fisicamente, mas socialmente, porque há um projeto de lei neoliberal em descartar todo o sujeito que não seja produtivo no sistema neoliberalista, seguindo a norma da necropolítica, denominada “a política de morte”.

**Palavras-chave:** Corpo. Pandemia. Foucault. Biopolítica. Necropolítica.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo discutir y analizar la materialización de los discursos en noticias publicadas en los medios durante la pandemia Covid-19 en Brasil, de marzo a junio de 2020, particularmente en noticias sobre los efectos de la enfermedad en la vida de sujetos transexuales. La forma en que se trata el corpus constituye el esbozo de los estudios discursivos de Foucault, fundamentalmente en tres nociones: a) las instancias de delimitación; b) cuadrículas de especificación y c) regularidades discursivas. Los sujetos transexuales no sólo son marginados, violados, silenciados y ignorados por la sociedad, son asesinados, no solo física, sino socialmente, porque hay un proyecto de ley neoliberal para descartar a cualquier sujeto que no sea productivo en el sistema neoliberalista, siguiendo la norma de la necropolítica, denominada “la política de muerte”.

**Palabras-clave:** Cuerpo. Pandemia. Foucault. Biopolítica. Necropolítica.

---

Licenciada em Letras com Espanhol. Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7443217983758051> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6025-4393> E-mail: [ismarina.moura18@gmail.com](mailto:ismarina.moura18@gmail.com) **1**

Pós-doutorado em Discurso, Corpo e Cinema na Sorbonne Nouvelle, Paris 3. Doutor em Lingüística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara. Professor Pleno no Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1403266753468089> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1669-0304> Email: [nilton.milanez@gmail.com](mailto:nilton.milanez@gmail.com) **2**

## O sujeito trans na pandemia

Esse artigo visa olhar cautelosamente sobre os desdobramentos sob os sujeitos transgêneros durante a pandemia do coronavírus. A escolha desse tema se dá pela necessidade de investigarmos e compreendermos a nossa atualidade, como um momento de pandemia pode afetar a vida dos sujeitos que em condições tidas como normais já são apagados e invisibilizados pela sociedade. Além disso, pensamos também em como as políticas públicas governamentais, ou melhor, a falta delas, incide sobre os corpos desses sujeitos.

O primeiro caso de Covid-19 (doença infecciosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2) no Brasil, foi em fevereiro desse mesmo ano. Um homem de 61 anos de São Paulo retornou da Itália e testou positivo para a SARS-CoV-2, causador da doença. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou o surto de pandemia (enfermidade epidêmica amplamente disseminada).

No dia 13 de março de 2020, o Ministério da Saúde regulamenta critérios de isolamento e quarentena que deverão ser aplicados pelas autoridades sanitárias em pacientes com suspeita ou confirmação de infecção por coronavírus. No dia 17 de março, uma portaria do Governo Federal torna crime contra a saúde pública a recusa ao isolamento e à quarentena. A norma prevê detenção de um mês a um ano, além de multa a quem descumprir medidas sanitárias preventivas e autoriza uso da força policial para cumprimento das determinações.

Desde então, estados e municípios passaram a decretar medidas preventivas contra o avanço da doença no país, medidas que promovam distanciamento social e evitem aglomerações. A partir daí, qualquer indivíduo ou sujeito será responsabilizado pelas consequências dos descumprimentos das regras. Todos os sujeitos tinham uma obrigação em comum, cuidar da sua saúde e do próximo e evitar a saída de casa a qualquer custo.

O único problema é que esqueceram que nem todos nós estamos em mesmos barcos passando pela pandemia. A diferença principal são as consequências. Alguns irão se contaminar com a doença, mas nem todos irão morrer, há indivíduos que podem evitar sair de casa, mas nem todos têm as mesmas condições de aderir o distanciamento social. Há corpos em situações maiores de vulnerabilidade. E o caso dos sujeitos transexuais é que vamos problematizar aqui.

Primeiramente, é importante salientar que o sujeito transexual ou transgênero são todos os indivíduos cuja identidade de gênero não corresponde ao seu sexo biológico. Essas pessoas sentem um grande desconforto com seu corpo por não se identificar com seu sexo biológico, por isso, têm a necessidade e o direito de adotar roupas, comportamentos e atitudes características do gênero com o qual se identificam.

O objeto desse estudo são notícias veiculadas na mídia durante a pandemia do Covid-19 no Brasil no período de março a junho de 2020. No geral, são seis notícias divididas em duas formações tomados como objetos de discursos:

a) Cinco notícias jornalísticas que têm como conteúdo a morte de sujeitos transgêneros durante a pandemia do coronavírus no Brasil.

b) Uma notícia do governante brasileiro falando sobre as possíveis consequências da doença.

Levando em conta tudo o que será visto, discutido e analisado por intermédio das notícias, de imediato, enquanto apoio científico, a notícia demonstra sua importância para a expressão e a visualização dos contextos impostos numa sociedade, sendo a notícia um enunciado atravessado por inúmeros discursos. Segundo Foucault (2019, p.129): “não podia definir o enunciado como uma unidade de tipo linguístico (superior ao fenômeno e à palavra, inferior ao texto); mas que tinha de me ocupar de uma função enunciativa”. O enunciado se situa, portanto, muito além do enunciado no sentido estritamente linguístico, fixando limites históricos e sociais que definem o modo de funcionamento em uma rede de enunciações.

Segundo Gregolin (2004, p. 26) “é justamente a função enunciativa: o fato de ele ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e que possibilitam que ele seja enunciado”. Então, compreendemos as notícias como função enunciativa que enuncia diferentes discursos, dependendo da sua época, espaço ou lugar.

Em nossa atualidade, o gênero notícia tem que levar em conta o tipo de sociedade que estamos vivendo, no nosso caso, a era da cybercultura, onde a notícia pode ser visualizada, impressa ou digital, podendo ser vista na TV, no computador ou na celular. Ou seja, a notícia faz emergir principalmente acontecimentos discursivos dispersos em todas as instâncias da nossa sociedade.

O objetivo desse artigo é justamente discutir e analisar a materialização dos discursos em notícias durante o período de pandemia do Covid-19 no Brasil, particularmente no que tange os efeitos da doença na vida dos sujeitos transexuais, considerando os enunciados que irrompem junto de acontecimentos que dirão quem somos nós. A pergunta principal a ser feita é, então: quais os efeitos da falta de políticas públicas governamentais sobre os corpos desses sujeitos? É exatamente a partir disso que iniciamos essa problematização que envolve a chamada *políticas de morte* dos governos neoliberais.

A pesquisa se debruça sobre a necessidade de averiguação dos acontecimentos em nossa atualidade, assim como fazia Foucault (2015, p. 70-71), questionando “O que é **nossa atualidade** enquanto figura histórica?”, “O que somos e o que devemos ser enquanto fazendo parte desta atualidade?”; “O que somos nós atualmente?”; “Qual é nossa atualidade?”, “O que somos enquanto fazendo parte desta atualidade?” Essas problematizações que Foucault usou para a interrogação do presente a partir da questão kantiana “Aufklärung?” (FOUCAULT, 2015, p.70) se desloca sobre o sujeito, a modernidade e a nossa atualidade. Sendo assim, o hoje se torna objeto de reflexão nas nossas pesquisas, tal qual esse momento desolador e complexo da pandemia, que arrasta consigo a problemática de como se conduzir e conduzir ao outro diante da tentativa de manutenção da vida da população, administrada sob fórmulas de governo que, muitas vezes, excluem corpos, revelando o que nossa sociedade considera como corpo útil, moralmente colaborativo e enquadrado nos padrões econômico-sociais de nosso tempo.

## As notícias como acontecimentos discursivos

O modo de tratar o corpus elencado se constitui no contorno dos estudos discursivos foucaultianos, fundamentalmente em três noções: a) as instâncias de delimitação; b) as grades de especificação e as c) as regularidades discursivas. São noções introduzidas por Foucault em *A Arqueologia do Saber*, que nos auxiliarão na construção de séries a partir das notícias selecionadas, entendidas como acontecimentos regidos por um funcionamento específico que engendra a valorização do corpo trans hoje carregado pela história de um passado perverso e de aniquilação do sujeito trans.

O primeiro passo é por meio da noção as “instâncias de delimitação” (FOUCAULT, 2019, p.51). A delimitação do objeto de pesquisa é mais que necessário, em nosso caso especificamente, o recorte se dá na escolha de notícias publicadas durante o período de maior incidência do Covid-19 sobre a população no Brasil, até o presente momento.

O segundo passo é realizado a partir da noção de “grades de especificação”, que tratam “dos sistemas segundo os quais separamos, associamos, reagrupamos, classificamos” (FOUCAULT, 2019, p.51) determinados enunciados. Assim, apontamos, reagrupamos, classificamos e separamos as notícias com as mesmas regularidades presentes em duas formações: a) notícias sobre a morte dos sujeitos trans; e b) notícia do presidente falando sobre a pandemia.

Abaixo podemos visualizar a tabela composta com o objeto de estudo, algumas informações e *hiperlinks* das notícias.

Título	Notícia	Data
Notícia 1	Transexual é achada morta em casa na Grande SP	28/04/2020
Notícia 2	Transexual é morta a pauladas em Maricá, no RJ	15/06/2020
Notícia 3	Travesti é morta a facadas dentro do ônibus no Recife	25/06/2020
Notícia 4	Corpo de travesti maranhense assassinada em Goiás é velado em Açailândia	15/06/2020
Notícia 5	Ativista trans é vítima da Covid: “Foi até o limite para ajudar na comunidade”	23/06/2020
Notícia 6	Bolsonaro sobre coronavírus: “Alguns vão morrer, lamento, essa é a vida”	28/03/2020

O terceiro, e último passo metodológico, é regido pela noção de regularidade, ou seja, investigaremos os enunciados sob “uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas” (FOUCAULT, 2019, p.46). Feito isso, recortaremos e analisaremos as regularidades materializadas nos acontecimentos das notícias, e partindo disso, chegaremos a um novo grupo de enunciados, que contarão sobre modalidades do saber sobre o sujeito trans.

### **Desdobramentos teóricos**

Primeiramente, e para deixar claro, o uso do termo “sujeito” é uma constituição discursiva foucaultiana, pois, entendemos que podemos delinear e compreender a emergência do discurso sobre a pandemia, investigando os acontecimentos históricos que aparecem no interior da nossa atualidade, ao mesmo tempo em que eles são vividos e escritos pelo próprio sujeito. Trata-se de “[...] pensar o sujeito como um objeto historicamente constituído sobre a base de determinações que lhe são exteriores” (REVEL, 2005, p.84). Ou seja, aqui pensamos o sujeito transexual constituído por determinações exteriores ao contexto da pandemia.

Outra questão pertinente é que tomamos o corpo como objeto de discurso, um corpo que denuncia o atravessamento da sociedade: “Cada sociedade orienta o espelhamento e o reflexo do seu corpo de acordo com a moralidade de seu tempo” (MILANEZ, 2007, p.167), o corpo acaba sendo uma importante ferramenta do sujeito. Do ponto de vista do sujeito, o corpo é sua propriedade, uma materialidade corporal deliberada para suas próprias vontades, mas numa situação de pandemia o corpo acaba se tornando objeto discursivo portador da doença, sendo um corpo assujeitado.

O corpo é imagem, uma vez que da sua constituição fazem parte do olhar e o ver de uma determinada posição do sujeito. O corpo aqui, portanto, é discurso, porque não existe fora da instituição do qual pode ser visto. O corpo é materialidade, pois tem seus contornos, ainda que nem sempre definíveis. Os barulhos do corpo e as imagens que ele produz se cercam de uma existência histórica (MILANEZ, 2019, p. 19)

Desse modo, o corpo do sujeito na pandemia, para além de um corpo biológico, é um corpo discursivo que engendra redes de saberes e maneiras de se exercer o poder. Esse corpo passará, então, a ser atravessado pela doença que chegará a determinar a vida ou morte do sujeito. O corpo e sujeito na pandemia devem cumprir seu papel com a sociedade da qual pertence, se sujeitando ao controle pela disciplina: “princípio de controle da produção do discurso” e vigilância das instituições governamentais, evidenciando a rede de relações de poder que Foucault vai denominar como estratégias do biopoder e da biopolítica.

### **Estratégias do biopoder e da biopolítica**

Antes de falarmos sobre esses conceitos tão importantes na obra do filósofo, é interessante ressaltar o conceito de poder. Alguns teóricos asseveram que o poder era algo localizado, mas não para Foucault:

Trata-se, ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento. (FOUCAULT, 1979, p.182)

O francês acreditava que o poder não estava localizado, mas disperso em várias instâncias da sociedade, se exercendo por meio de práticas e um feixe de relações político e sociais. Relações entre pais e filhos (instituição familiar), entre médicos e pacientes (instituição médica), entre professores e alunos (instituição escolar) são exemplos de manifestações de poder entre sujeitos e instituições. Nessa perspectiva, disciplina e vigilância são estratégias do poder usadas para controlar o sujeito, a disciplina tem a função de adestrar o indivíduo e a vigilância opera como regulador em benefício do poder controlado, incidindo sobre o corpo e o sexo do sujeito.

Como colocado nas investigações de Foucault, por volta dos séculos XVI-XVII a maior parte dos países da Europa vivia sob o poder soberano, era o rei quem decidia a vida dos seus súditos, logo quem ia viver ou morrer, “é simplesmente por causa do soberano que o súdito tem direito de estar vivo ou tem direito, eventualmente, de estar morto. Em todo caso, a vida e a morte dos súditos só se tomam direitos pelo efeito da vontade soberana” (FOUCAULT, 1999a, p. 287). O soberano tinha o objetivo de fazer justiça no seu território, as punições eram expostas ao povo como forma de vingança e reparação. Não havia preocupação com qualidade de vida dos súditos, e muitas vezes nem com a própria vida dos indivíduos.

Com o surgimento do capitalismo, emerge uma nova necessidade de pensar o corpo do sujeito, o corpo não será mais alvo das repressões penais como no poder soberano. É nesse contexto que vai aparecer em duas formas principais as “tecnologias de poder”, denominado por Foucault como o “poder disciplinar” e o “biopoder”. Sendo assim, o sujeito agora teria outra utilidade, gerar em função do capitalismo, ele tem que trabalhar para ser produtivo, logo, se ele não produz se torna um corpo descartável.

[...] O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar” ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amara forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. [...] O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame. (FOUCAULT, 1999b, p. 143)

Esse poder disciplinar é centrado no corpo individual, tem como objetivo produzir corpos “úteis e dóceis”, seu adestramento visa o benefício das estruturas políticas para tornar o corpo produtivo. Seus principais recursos são a vigilância hierárquica (panoptismo), exame e sanção normalizadora. As instituições (escolas, prisões, hospitais, manicômios, quartéis e fábricas) como conhecemos hoje se manifestam como forma de contribuir para que o corpo seja dócil e produtivo para o capitalismo. A efetivação desse poder se dá por estratégias e não pelas leis.

No que se refere ao “biopoder”, trata-se do “conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder” (FOUCAULT, 2008a, p. 3). Aliada a práticas disciplinares (ferramenta poderosa controle dos corpos), o biopoder é o poder de gerenciamento sobre a população, são mecanismos governamentais para que o sujeito tenha um corpo produtivo.

Nasce a preocupação com as taxas de mortalidade e natalidade da população, com o saneamento básico, com o desenvolvimento de vacinas, a fim de conter doenças e reduzir os riscos, porque não é mais interessante que o sujeito morra por não ter condições de vida. Essas estratégias de potencializar a vida “a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma bio-política da população” (FOUCAULT, 1975, p.131).

Ao contrário do poder disciplinar, que derivava o “fazer morrer e deixar viver” a partir da decisão do rei, na era do biopoder o que se revela é o “fazer viver e deixar morrer” do governante. O estado através de suas políticas é responsável por gerar vida, dar saúde a sua população e ao mesmo tempo incluir o sujeito na sociedade de mercado. Assim, surgem também os cálculos, as estatísticas e as regulações como recursos estratégicos para reduzir os riscos de morte da população.

Nessa conjuntura atual, ficam ainda mais evidentes as ações da biopolítica. As preocupações com a sobrevivência do sujeito nessa pandemia estão vinculadas com o neoliberalismo, sistema que valoriza o indivíduo conforme o seu serviço prestado. De imediato, trago uma campanha do governo estadual do estado de Minas Gerais, como exemplo da ‘preocupação’ dos governos com a vida dos sujeitos. Lançada pela Secretaria de Estado de Saúde, a campanha apresenta medidas e orientações contra o coronavírus.

Figura 1 - Campanha como estratégia

**CORONAVÍRUS**  
O QUE VOCÊ DEVE SABER PARA SE PROTEGER.

**COMO O CORONAVÍRUS É TRANSMITIDO?**

- Saliva, catarro, espirro e tosse.
- Contato corporal próximo com pessoa contaminada.
- Contato com objetos contaminados seguido de contato com a boca, nariz ou olhos.

**PREVENÇÃO.** Por enquanto, a recomendação é a mesma dada para prevenir infecções respiratórias agudas (como a gripe).

- Lavar as mãos frequentemente com água e sabonete ou desinfetante à base de álcool.
- Cobrir o nariz e a boca ao espirrar ou tossir com um lenço de papel descartável.
- Não compartilhar objetos de uso pessoal.
- Manter os ambientes bem ventilados.

Para mais informações, contate o 031 98272-0553. [www.saude.mg.gov.br/coronavirus](http://www.saude.mg.gov.br/coronavirus)

SUS SAUDE MINAS GERAIS GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.

Essa campanha nada mais é que uma intervenção disciplinar sutil do governo estadual de Minas para sinalizar os indivíduos sobre o risco da doença, ainda que os próprios sujeitos também sigam alertas sobre os outros sujeitos, abrindo espaço para a vigilância contínua do outro. Outra questão interessante é que o governo terceiriza a responsabilidade de evitar a contaminação da doença: o comprometimento e a obrigação de evitar a doença é do próprio sujeito.

Para tanto, o corpo infectado com o vírus perde sua produtividade vital, ocasionando, assim, problemas para as formas de controle dos indivíduos e da população no sistema governamental neoliberal. Logo, se esse corpo não será mais útil, ele é descartável. Basicamente, isso explicaria a falta de sensibilidade de alguns governantes com as pessoas com maiores vulnerabilidades: idosos, indígenas, refugiados, transgêneros, aqueles que vivem em situação de rua e outros. Estas populações precisam constantemente de políticas públicas, se não há ações emergenciais de proteção para esses sujeitos na pandemia, prontamente serão dizimados pela doença. E, aí, estamos nos domínios da tão assassina necropolítica, a chamada “política de morte” que mata em função de políticas neoliberais.

### Políticas de morte: necropolítica

A necropolítica é um conceito desenvolvido por Achille Mbembe, um filósofo e cientista social camaronês que visa questionar os limites de Estado em escolher quem deve viver e quem deve morrer, uma política centrada na produção de morte em grande escala. Seu termo é a atualização do conceito foucaultiano de biopolítica para as formas de poder na periferia do capitalismo, uma vez que o trabalho de Foucault não contemplava essas questões muitas vezes raciais.

Mas, então, por que uma política de morte? Por que a política neoliberal (pessoa partidária do neoliberalismo, da doutrina política que defende a liberdade absoluta do capitalismo e da intervenção mínima do estado) governamental visa à destruição massiva dos corpos dos sujeitos marginalizados, aqueles sujeitos não úteis ao sistema capitalista, sujeitos ditos como descartáveis na nossa sociedade? Os governos se utilizam de estratégias para justificar violências e massacres para apagar a vida desses sujeitos:

O poder necropolítico pode multiplicá-lo infinitamente – a estratégia dos pequenos massacres do dia-a-dia, segundo uma implacável lógica de separação, de estrangulamento de vivisseção, como se pode ver em todos os teatros contemporâneos do terror e do contraterror. (MBEMBE, 2017, p. 65)

Um exemplo, muito claro hoje, de necropolítica são aqueles que vemos nas favelas, comunidades e periferias no nosso país, tornando-se espaços geográficos nos quais se têm licença para matar, lugares subalternizados e esquecidos pelas políticas públicas, o que na verdade, a falta propositalmente delas, incide na vida do crime, buscando dar uma justificativa ao terror e à violência da polícia (escudo do estado neoliberal). Sabemos bem que é o Estado que deveria proteger, cuidar e implementar políticas para a proteção dos indivíduos. A falha proposital da função do Estado enuncia uma hierarquização da vida população, dizendo a quem o Estado acredita que vale dar a vida e a qual parte da população eles querem mesmo é dar a morte, àqueles a quem eles acham que a vida não vale nada.

O que vemos agora durante a pandemia está no rol dessas atrocidades: a valorização da economia sobre a vida e a desvalorização de alguns corpos em vigência de outros. Questionamos:

a) *Quem vai morrer em detrimento de outros por inúmeras razões?* As pessoas acima de 60 anos que se enquadram no grupo de risco, pessoas de qualquer idade que tenham comorbidades, como cardiopatia, diabetes, pneumopatia, doença neurológica ou renal, imunodepressão, obesidade, asma e puérperas; São os sujeitos considerados não produtivos nessa camada social, que demandam gastos e investimentos do Estado, que não servem à máquina econômica estatal.

b) *Quem são os sujeitos que irão sofrer as maiores consequências da pandemia por causa da valorização da economia acima da vida?* As mulheres, os negros, os mais pobres, todas as pessoas pertencentes a comunidade LGBTQIA+ (Lésbica, gay, bissexual, transexuais, queer, intersexual, assexual, inclusão de outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero) os indígenas, os refugiados, as pessoas que vivem em situação de rua, entre outras. São esses os que mais sofrerão com a perda de empregos, suspensão de ganhos e salários, aumento da violência doméstica.

Logo, todos estes sujeitos são os corpos descartáveis junto à doença, a pandemia possibilita ao estado neoliberal a legitimação da política de morte.

Figura 2 - A política de morte do Bolsonaro



A política de morte se materializa na fala do presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, em uma entrevista ao apresentador Datena, na noite de sexta-feira do dia 27 de março de 2020. O governante confessou que a doença Covid-19 vai matar diversas pessoas, mas não demonstrou qualquer empatia com as consequências da pandemia na vida dos brasileiros. “Alguns vão morrer? Vão, ué, lamento. Essa é a vida”, disse o ilustríssimo.

Essas são as atitudes de um governo neoliberal que visa o capitalismo acima da vida, além disso, ao relativizar a gravidade da situação ou dizer que ‘muitos vão morrer’, enuncia a política macabra e intencional contra a população mais vulnerável. Portanto, se forem os indivíduos “corretos” que irão morrer, não há sentido em se preocupar ou criar políticas públicas para evitar essas mortes. Segundo Foucault (2008a): “Na era do biopoder a morte de uns assegura a existência de outros”, a morte de uns (corpos descartáveis) irá garantir a sobrevivência de outros (corpos produtivos). Essa é a política que rege no Brasil durante a pandemia.

### Os efeitos da pandemia sobre o corpo do sujeito trans nas notícias

Considerando o que foi dito anteriormente, a falta de políticas públicas em um contexto de pandemia pode ocasionar ainda mais a destruição de alguns grupos vulneráveis na camada da sociedade, grupos pertencentes à comunidade LGBTQIA+ por exemplo, especificamente, os sujeitos transgêneros, que em situações ditas como normais já são marginalizados e apagados, levando em conta a conjuntura atual a situação só piora. Portanto, o que visualizaremos aqui são os saberes políticos governamentais que se produzem a partir do efeito pandemia sobre o corpo trans.

Seguindo nosso passo metodológico, classificamos e separamos cinco notícias em duas formações: a) notícias sobre a morte dos sujeitos trans e b) notícia do presidente falando sobre a pandemia, prevendo as regularidades existentes entre notícias. As notícias jornalísticas elencadas **têm como conteúdo a morte dos sujeitos transgêneros durante a pandemia do coronavírus no Brasil, no período entre 23 de abril a 26 de junho de 2020**. Duas notícias estão localizadas no portal G1 da TV Globo, uma notícia no site Rádio Jornal Pernambuco, uma notícia do site Imparcial, e a última n,o site IG Último segundo.

A primeira notícia (Figura 3) traz a informação da morte de uma mulher transexual, que foi achada morta dentro de sua casa em Francisco Morato, na Grande São Paulo. A polícia investiga o caso, e a principal suspeita é que pode ter sido morta e furtada por algum cliente. Ela era garota de programa e tinha 30 anos. Seu corpo foi encontrado por amigos, que estranharam seu sumiço.

Figura 3 - Notícia 1 e Notícia 2



A segunda notícia (Figura 3) relata a informação de que uma mulher transexual, de 28 anos, foi morta a pauladas no bairro Amizade, de Maricá, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Seu corpo foi encontrado em um terreno por um morador do bairro. Segundo parente da vítima, era uma pessoa querida e não tinha problemas com outras pessoas. O crime está sendo investigado e a polícia não informou a linha de investigação.

A terceira notícia (Figura 4) traz a informação de uma travesti assassinada a golpes de faca dentro de um ônibus no Terminal do Cais de Santa Rita, no Recife. Segundo a polícia, a vítima aparentava ter 30 anos. O motorista no coletivo contou à reportagem que a travesti tentou se proteger do assassino dentro do ônibus. O suspeito foi encontrado ainda no terminal usando a arma do crime. De acordo com o motorista, a travesti foi morta por causa de ciúmes, o suspeito tinha ciúmes da relação entre a esposa e a travesti.

**Figura 4** - Notícia 3, Notícia 4 e Notícia 5



A quarta notícia (Figura 4) reporta a informação que o corpo de uma travesti maranhense de 21 anos assassinada em Goiás é velada em Açailândia. A jovem foi morta a tiros quando estava na companhia de outra travesti. Segundo a polícia os suspeitos estavam em um carro de passeio e teriam simulado a contratação de um programa, mas anunciaram um assalto. Militantes do movimento LGBT acreditam que as travestis também são alvos fáceis para criminosos pela situação de vulnerabilidade. Através de denúncias, a Polícia Militar chegou aos suspeitos, todos com passagem por tráfico e roubo.

A quinta e última notícia desta série (Figura 4), descreve o caso de uma ativista trans, vítima da Covid-19, de 35 anos, em São Paulo. Durante a pandemia do coronavírus a vítima distribuía pessoalmente doações de cestas básicas em casas de acolhimento para mulheres trans e travesti. Ela ainda era pré-candidata a vereadora pelo coletivo DiverCidade SP (PSOL), trabalhava na Prefeitura de São Paulo no centro de Cidadania LGBT como recepcionista, era natural do Rio de Janeiro, mas morava na cidade de São Paulo. Um amigo próximo da vítima, lembra da amiga como uma pessoa que sempre se prontificou: “Ela era muito de doar”, diz. “Ela foi até o limite para ajudar a comunidade”.

Inicialmente, o número de regularidades existentes entre as notícias dos assassinatos salta aos olhos. O primeiro eixo a ser desenvolvido é sobre a idade das vítimas, a vítima mais nova tinha apenas 21 anos e a mais velha 35 anos. Constitui-se, assim, a baixa expectativa de vida para o sujeito trans no Brasil, e essas notícias só confirmam os dados estatísticos divulgados em 2016 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), considerando que o tempo médio de vida população trans é de 35 anos, enquanto a expectativa da população em geral é de 75 anos. Essas informações assustadoras e alarmantes acabam comprovando a formação de saber que se produziu dentro de nossos governos federais, visando a normalização do indivíduo e práticas disciplinares biopolíticas que relegam o sujeito trans ao sofrimento, à perseguição, à violência e à morte. Um dos elementos principais dessa tecnologia de poder são quanto às taxas de mortalidade e natalidade dos sujeitos. As taxas de mortalidades dos indivíduos transgêneros são altíssimas, o que evidencia a falta de preocupação dos governos quanto à políticas públicas que revertessem o quadro dessas necroestatísticas.

O segundo eixo que se revela é quanto ao nível de violência nas mortes desses sujeitos, com exceção da notícia 5, pois a morte foi causada pelas complicações da doença Covid-19.

I Notícia 1: Segundo a polícia, a provável causa da morte teria sido politraumatismo causado por algum objeto pontiagudo.

II Notícia 2: Morte a pauladas.

III Notícia 3: Morte por golpes de faca.

IV Notícia 4: Morte por arma de fogo.

Quais seriam as condições históricas para esse tipo de violência? Uma das explicações possíveis é quanto ao preconceito, o estigma social e, sobretudo, a transfobia (forma de aversão às pessoas trans) desenfreada, incitada e alimentada pelas enunciações que beiram à imoralidade, à delinquência congênita e a incorrigibilidade. Além disso, somem-se o feminicídio (Lei 13.104/2015), que também poder ser um agravante, tornando dizível o desprezo e preconceitos de uma sociedade misógina e patriarcal contra as mulheres trans motivada pela condição de gênero.

O caso da notícia 3, em específico, recai sobre essa questão. Na ocasião uma travesti foi morta por um homem que estava enciumado com a relação que ela tinha estabelecido com sua esposa. Diante disso, o enunciável se faz visível pelo fato de a travesti ter sido morta por sua condição de gênero. Um exemplo disso foi visto em Brasília, um caso recente, no qual o Tribunal de Justiça do Distrito Federal determinou que a agressão sofrida por uma mulher trans fosse lida como tentativa de feminicídio.

Outra questão ainda: a desigualdade social acaba também sendo significativa. O desemprego, a ausência de renda e a falta de políticas públicas acarretam a procura dos sujeitos transexuais à prostituição como única fonte de renda, visto que esses espaços são de maiores vulnerabilidades e os sujeitos trans acabam se tornando vítimas fáceis de violência e roubo. Duas das cinco notícias, a notícia 1 e a notícia 4, mostram que duas mulheres foram assassinadas por tentativas de assaltos, e ambas trabalhavam na prostituição.

Segundo Foucault (1999b, p. 28): “O corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo, corpo submisso”, o sujeito deve ser, portanto, produto dos mecanismos regulamentadores estatais da biopolítica. Sendo assim, o corpo trans na prostituição não é valorizado, porque não é visto como um corpo útil à sociedade, podendo assim ser um sujeito descartável, alvo das vulnerabilidades sociais.

O terceiro eixo é quanto ao abandono no seio familiar, fator observável e regular entre as notícias, sendo algo bastante comum na vida dos sujeitos trans. O abandono por parte da família acaba sendo um dos motivos para que o sujeito saia da sua cidade de origem e siga sua vida em outra, onde possa viver com uma redução de danos de conflitos familiares. Seguimos as seguintes materialidades:

Notícia 1: A vítima morava na Grande São Paulo sozinha (porque tinha espaço para levar seus clientes e por um deles acabou sendo morta). Foi encontrada por amigos que sentiram sua falta.

Notícia 2: A prima da vítima foi quem deu depoimento sobre sua morte.

Notícia 4: A vítima morava em Anapólis (GO), já tinha morado em Imperatriz antes de se mudar e era natural de Açailândia onde foi velada.

Notícia 5: A única que não foi assassinada, sendo morta por complicações do coronavírus, mas que era natural do Rio de Janeiro, mas morava em São Paulo.

Todos esses indícios nos mostram como a falta de apoio familiar causa abandono de suas origens por parte dos sujeitos trans, que seguem em busca do seu caminho, por vezes solitário, e como isso também sobrevém a falta de apoio financeiro, o que levam muitas delas a buscar a prostituição como única fonte de renda. Esse sujeito trans é obrigado a perseguir seus interesses, materializando o funcionamento da nova forma de tecnologia do poder, uma biopolítica na qual muitas organizações governamentais orbitam em função do neoliberalismo, exigindo que nessas sociedades o próprio sujeito seja responsável por todas suas escolhas e conseqüências, atribuindo-lhe, a ele somente, a culpa de não concretizar suas expectativas, que lhe são impostas historicamente, revertendo o poder em jogo perverso marcado pela punição e pelo apagamento social.

O quarto e último eixo está mais centrado na notícia 5, aquela única notícia que traz a informação de uma mulher trans que morreu vítima da Covid-19. Então, o primeiro detalhe que nos chama a atenção é que a vítima era uma ativista social, que estava fazendo entregas de cestas básicas, em casas de acolhida exatamente para sujeitos transexuais e travestis durante a pandemia. A situação poderia ter sido outra, caso o governo do estado de São Paulo ou o governo federal brasileiro tivesse intervindo com políticas de vida nessas casas de acolhida, abrigos ou até mesmo a ajuda financeira de um auxílio emergencial para esses indivíduos, não apenas para a comunidade trans, mas para a comunidade LGBTQIA+ em geral. Se há pessoas envolvidas no auxílio de casas de acolhimento, é exatamente por falta de políticas públicas pensadas em receber, tratar e investir nos sujeitos trans. Portanto, assumindo um papel que seria do Estado, em discordância com a política de morte instaurada, o ativismo pela vida e pela coletividade declara a ineficiência do governo e da administração da vida da população, de uma população que não fosse refratada segundo seu sexo, sua condição de gênero, suas sexualidades.

Os efeitos da pandemia são inevitáveis para os sujeitos apagados e marginalizados, já que a única preocupação evidentemente de um governo neoliberal como o brasileiro, são sobre as questões relacionadas com a economia, como já foi dito várias vezes pelo próprio presidente em entrevistas. Segundo Foucault, os neoliberais impõem um objetivo, “é necessário governar para o mercado, em vez de governar por causa do mercado” (FOUCAULT, 2008b, p. 164-165); trata-se de uma sociedade que visa à economia sobre a vida. Portanto, a pandemia é uma oportunidade para os governos neoliberais de implementação e legitimação de políticas de morte, aproveitando-se para esvaziar a sociedade da pluralidade de corpos e afetos que são muito maiores, mais amplamente elaborados e sofisticadamente construídos que a economia heterocompulsória dos corpos que nosso governo federal propõe.

## **Considerações Finais**

A partir das notícias, que se constituiu como um objeto principal de análise desse estudo, a pandemia trouxe sim maiores problemas para os sujeitos transexuais, que por ora, continuam esquecidos nas políticas públicas governamentais. Durante a pandemia houve um aumento significativo no número de mortes desses sujeitos, de acordo com Associação Nacional de Travesti e Transexuais (ANTRA). Primeiramente, o isolamento social interfere no dia a dia do sujeito trans. No âmbito econômico, a prostituição se torna a única fonte de renda. No âmbito familiar, o isolamento torna a residência um espaço constante de violências. Impactos psicológicos são provocados pelo distanciamento social: a solidão, abandono, transfobia e ansiedade diante de um cenário de incertezas. O desrespeito e o descaso com os sujeitos trans, parcela tão vulnerável no quadro da pandemia, vem mais uma vez acentuar a falta de investimento em políticas públicas no interior da comunidade LGBTQIA+. Diante disso, os sujeitos transexuais não são apenas marginalizados, violentados, calados e ignorados pela sociedade, mas são mortos, porque se há um

projeto para os sujeitos trans, é esse projeto de uma lei neoliberal em descartar todo o sujeito que não seja produtivo do modo como as expectativas do poder vigente desejam. Instauram-se, assim, as biopolíticas e as necropolíticas para a alteridade dos corpos. Rever, para nós, essas notícias e atualizá-las em uma formação teórica foucaultiana e nosso modo, para começar, de insistir na luta e na insurgência dos corpos trans, do amor pela liberdade e do investimento em um governo pelo outro, para a outridade que nos constitui.

## Referências

BRASIL, Agência. Assassinatos de mulheres trans aumentam 49% durante isolamento. **Catraca livre**, São Paulo, 07 de maio de 2020. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/assassinatos-de-mulheres-trans-aumentam-49-durante-isolamento/>. Acesso em: 08 set. 2020.

CETRONE, Camila. Ativista trans é vítima da Covid: “Foi até o limite para ajudar na comunidade”. **IG último segundo**, São Paulo, 23 de jun. de 2020. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-06-23/ativista-trans-e-vitima-da-covid-19-foi-ate-o-limite-para-ajudar-a-comunidade.html>. Acesso em: 08 set. 2020.

CORPO de travesti maranhense assassinada em Goiás é velado em Açailândia. **O imparcial**, São Luís, 15 de jun. de 2020. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/policia/2020/06/corpo-de-travesti-maranhense-assassinada-em-goias-e-velado-em-acailandia/>. Acesso em: 08 set. 2020.

FERREIRA, Cinthia. Travesti é morta a facadas dentro do ônibus no Recife. **Rádio Jornal**, Recife, 25 de jun. de 2020. Disponível em: <https://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2020/06/25/travesti-e-morta-a-facadas-dentro-de-onibus-no-recife-190619>. Acesso em: 08 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

\_\_\_\_\_. Debate no Departamento de História da Universidade da Califórnia em Berkeley. In: **O que é a Crítica? seguido de A Cultura de Si**. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Texto e Grafia, 2015.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território, população**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo. Martins Fontes. 2008a.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da Biopolítica**. Tradução de Eduardo Brandão. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 20. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999a.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes. 1999b.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Soberania e Disciplina**. In: *Microfísica do poder: organização e tradução de Roberto Machado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p.182.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **O enunciado e o arquivo : Foucault (entre)vistas**. Maria do Rosário V.Gregolin. In : SARGENTINE, Vanice & NAVARRO-BARBOSA, Pedro (org.). M. Fou-

cault e os domínios da linguagem : discurso, poder subjetividades. São Carlos: Claraluz, 2004.

MBEMBE, A. (2017). **Políticas da inimizade**. Lisboa: Antígona.

MILANEZ, Nilton. **Audiodisualidades: elaborar com Foucault**. Londrina: Eduel; Guarapuava: Ed. Unicentro, 2019.

\_\_\_\_\_. Toda vez que minto constroem verdades: sobre corpos e poderes. In: **Linguagem. Estudos e Pesquisas**, v. 10-11, p. 167-180, 2007.

MOTA, Erick. Bolsonaro sobre coronavírus: “Alguns vão morrer, lamento, essa é a vida”. **Congresso Em Foco**, Brasília, 28 de mar. de 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/bolsonaro-sobre-coronavirus-alguns-vaio-morrer-lamento-essa-e-a-vida/>. Acesso em: 08 set. 2020.

PIRES, Giovanna. Transexual é morta a pauladas em Maricá, no RJ. **G1**, Maricá, 15 de jun. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2020/06/15/transexual-e-morta-a-pauladas-em-marica-no-rj.ghtml>. Acesso em: 08 set. 2020.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlo Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SENA, Tássia; TOMAZ, Kleber. Transexual é achada morta em casa na Grande SP. **G1**, São Paulo, 28 de abr. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/saopaulo/noticia/2020/04/28/transexual-e-encontrada-morta-em-casa-na-grande-sp-policia-investiga-caso-como-assassinato-e-furto.ghtml> Acesso em: 08 set. 2020.

Recebido em 7 de setembro de 2020.

Aprovado em 17 de novembro de 2020.